XX DOMINGO COMUM C 2022



Pensai n’Aquele que suportou contra si

tão grande hostilidade!

*Hb* 12,3

Ritos Iniciais

**Entrada**

P. Somos acolhidos na Casa do Senhor, como irmãos e concidadãos do Reino dos céus e não como estranhos ou estrangeiros. Somos desafiados, pela Palavra e pelo testemunho de Cristo e dos seus seguidores, a transformar a hostilidade em hospitalidade. Hoje fixaremos os olhos em Jesus, para pensar n’Aquele que suportou contra Si tão grande hostilidade! E assim haveremos de compreender como esta hostilidade se manifesta no nosso coração e na nossa vida, quando nos recusamos a construir o mundo com o diferente, o migrante, o refugiado. Na Solenidade da Assunção, que se segue a este domingo, iremos aprender de Maria e Isabel o abraço da hospitalidade. Por agora, fitemos então os olhos em Jesus, o guia da nossa fé, e imploremos, para nós e para todos os irmãos, a graça do alimento que nos fortalece e anima, que nos dá a força da perseverança e da resistência na fé. Invoquemos a misericórdia do Senhor.

***Kyrie***

P. Pelas vezes em que nos calamos, por medo de perdermos o nosso lugar, Senhor, tende piedade de nós!R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Pelas vezes em que fugimos à luta pelo bem, por vergonha da nossa fé, Cristo, tende piedade de nós!R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Pelas vezes em que não assumimos corajosa e publicamente a nossa fé, Senhor, tende piedade de nós!R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória | Oração Coleta**

**Liturgia da Palavra**

**Homilia no XX Domingo Comum C 2022**

***“Pensai n’Aquele que suportou contra si tão grande hostilidade”*** *(Hb 12,3)****!***

1.Fixemos então os olhos em Jesus, o guia da nossa fé, e pensemos nas muitas formas de hostilidade, de recusa, de negação, de oposição, de desprezo, de rejeição, até à violência extrema. Em todo o caso, Cristo acolheu e sofreu, suportou e superou tudo isto com amor. Ele transformou a hostilidade em hospitalidade, ao oferecer o seu olhar de compaixão a todos e, naquele abraço universal da Cruz, ao oferecer o perdão aos que O entregavam e condenavam à morte, até hospedar, de imediato, no Paraíso do seu coração o bom ladrão.

2. E pensemos nós também nas muitas manifestações de hostilidade, no nosso mundo de hoje, que se quer tão global e se pretende construir como uma Casa Comum. Este é o mundo dos homens e mulheres que olham com desconfiança para o estranho e para o estrangeiro, veem no desconhecido um potencial criminoso, reforçam a segurança da casa com cães e fechaduras duplas para se protegerem do vizinho, do transeunte, do malvestido, do pedinte, do migrante, do cigano, do sem-abrigo, do refugiado. As medidas de segurança, cada vez mais rígidas, acabam por nos transformar a todos em suspeitos criminosos. Mas esta hostilidade está latente mesmo onde se esperava viver um espaço mais fraterno e acolhedor. No mundo escolar, académico, desportivo, científico, aqueles que nos são mais próximos, como os condiscípulos, os colegas de equipa, de desporto e de trabalho, são tantas vezes vistos apenas como concorrentes e usurpadores dos nossos primeiros lugares, como inimigos a abater ou a combater, como adversários a queimar, como perigos a eliminar, ou um então, como um incómodo, *persona non grata*, de quem nos queremos livrar o mais depressa possível.

3. Esta hostilidade nega a hospitalidade à criança que quer nascer, ao idoso que é preciso cuidar, ao migrante que parte com a sua rica bagagem à procura do seu justo lugar. Esta hostilidade é mais impiedosa nas redes sociais e na comunicação social, onde se bloqueiam os que não pensam como nós, onde se atiram, como ao profeta Jeremias, para o lodo da praça pública todos aqueles que desejamos calar ou eliminar. Apesar das palavras de *boas-vindas* da publicidade turística no *Portugal de braços abertos*, a hospitalidade confunde-se com a etiqueta social e não disfarça a obsessiva defesa do nosso *território* pessoal, do nosso próprio bem-estar, que nos faz erguer muralhas de condomínios fechados à nossa volta. Depois da pandemia, e apesar da ânsia do encontro face-a-face e do desejo da convivialidade, sentimos as pessoas cada vez mais defensivas, mais agressivas, ansiosamente agarradas aos seus bens materiais e inclinadas a olhar os outros com desconfiança.

4. Irmãos e irmãs: superar a hostilidade pela via da hospitalidade implica criarmos espaço interior para os outros, o que está longe de ser uma tarefa fácil, pois estamos demasiado ocupados e preocupados connosco mesmos, tão cheios de nós, que os outros não encontram em nós o seu lugar. O tempo de verão, de passeios, de viagens e peregrinações, de idas e voltas, de refeições e conversas mais demoradas, devia ajudar-nos a fazermos *férias de nós mesmos*, abrindo e alargando, dentro de nós, um espaço livre para os outros. É tão importante convertermos a hostilidade em hospitalidade, o inimigo em convidado, para acolhermos o outro, o diferente, como uma bênção e não como uma ameaça, como uma riqueza e não como um prejuízo, como uma oportunidade e não como um problema, como uma interpelação e não como um perigo, como um desassossego e não como um incómodo, como dádiva de Deus e não como um *presente envenenado*.

5. *Abraça o presente* é, pois, o grande desafio do próximo ano pastoral. Esperemos pela celebração de amanhã, Solenidade da Assunção, para contemplarmos juntos a beleza da hospitalidade, no abraço de Maria e de Isabel. É a hospitalidade de quem sabe receber, de braços abertos, no hóspede e através dele *o presente* de Deus! Pensemos na hostilidade. E não esqueçamos a hospitalidade para com todos!

**Credo**

P. “*Estando nós rodeados de tão grande número de testemunhas, fixemos os olhos em Jesus, guia da nossa fé e autor da sua perfeição*” (2.ª leitura). E professemos a nossa fé!

P. Credes em Deus, protetor e libertador, que vos retira do abismo e do lamaçal, para vos abrir à grande esperança de uma vida plena e eterna (cf. 1.ª leitura e Salmo)?

R. **Sim, creio!**

P. Credes em Jesus Cristo, o autor e consumador da fé, que, renunciando à alegria que Lhe fora proposta, sofreu a Cruz, e está agora sentado à direita do trono de Deus (cf. 2.ª leitura)?

R. **Sim, creio!**

P. Credes no Espírito Santo, que vos dá a fortaleza de testemunhardes a fé e de resistirdes, até ao sangue, na luta contra o pecado (cf. 2.ª leitura)?

R. **Sim, creio!**

P. Credes na Igreja, chamada a ser a nova família dos filhos de Deus, gerados pelos laços da fé (cf. Evangelho)?

R. **Sim, creio!**

P. Credes na ressurreição, nos novos céus e na nova terra, onde habitarão a justiça e a paz para sempre?

R. **Sim, creio!**

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãos e irmãs: fixando os olhos em Jesus, guia da nossa fé e autor da sua perfeição, em comunhão com todos os peregrinos, migrantes e refugiados, que caminham pelo mundo, na esperança da nossa hospitalidade, confiemos ao Senhor as preces do povo e digamos: R. **Senhor, socorrei-nos e salvai-nos.**

1. Pela Santa Igreja, peregrina sobre a Terra:

para que seja a Casa aberta do Pai,

pronta a acolher e a compadecer-se

de quantos nela procuram uma pátria e um abrigo. Oremos, irmãos. R.

1. Pelos que governam os povos:

para que construam o mundo como Casa comum,

onde todos são acolhidos, protegidos,

promovidos e integrados. Oremos, irmãos. R.

1. Pelos cristãos perseguidos:

para que o fogo do seu martírio

nos incendeie na paixão por Cristo

e na ousadia da missão. Oremos, irmãos.

1. Por todos nós aqui presentes:

para que façamos férias de nós mesmos,

abrindo e alargando, dentro de nós,

um espaço livre para os outros. Oremos, irmãos. R.

P. «*Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação*» (*2* *Cor* 1,3), fazei que saibamos acolher-Vos e servir-Vos nos mais desprezados, perseguidos e descartados, especialmente nos migrantes e refugiados, que connosco caminham na direção da Terra Prometida, para que encontrem em nós e dentro de nós, na Igreja e o no mundo, o seu justo lugar. Por Cristo, nosso Senhor. R. Ámen.

**Liturgia Eucarística**

**Apresentação dos dons | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Comum IX | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão**

**Rito da Paz:** P.A pazque Jesus nos traz não é a paz podre dos pactos diplomáticos e dos silêncios cúmplices, a paz negociada dos não que não falam nem atuam, com medo de perder dinheiro ou de perder o lugar. *Por isso, Jesus diz: «vim trazer a divisão»; Jesus não quer dividir os homens entre si, pelo contrário: Jesus é a nossa paz, é a nossa reconciliação! Mas esta paz não é a paz dos sepulcros, não é a paz da falsa neutralidade, não é um compromisso a todo o custo, não é estar de bem com Deus e com o diabo. Seguir Jesus comporta a renúncia ao mal, ao egoísmo, e a escolha do bem, da verdade e da justiça, mesmo quando isto exige sacrifício e renúncia aos próprios interesses. E isto sim, divide; como sabemos, divide até os vínculos mais estreitos, entre pessoas da mesma família. Mas atenção: não é Jesus que divide! Ele propõe o critério: viver para si mesmo, ou para Deus e para o próximo; ser servido, ou servir; obedecer ao próprio eu, ou obedecer a Deus. É neste sentido que Jesus é sinal de contradição*” (cf. Papa Francisco, *Audiência*, 18.08.2013).

Diácono: Como homens e mulheres de paz, saudai-vos na Paz de Cristo.

**Fração do Pão | Cordeiro | Distribuição e cântico da comunhão**

**Oração a seguir à Comunhão**

Papa Francisco, *Mensagem para o 108.º dia mundial do Migrante e do refugiado*

Senhor, tornai-nos portadores de esperança,
para que, onde houver escuridão, reine a vossa luz
e, onde houver resignação, renasça a confiança no futuro.

Senhor, tornai-nos instrumentos da vossa justiça,
para que, onde houver exclusão, floresça a fraternidade
e, onde houver ganância, prospere a partilha.

Senhor, tornai-nos construtores do vosso Reino
juntamente com os migrantes e os refugiados
e com todos os habitantes das periferias.

Senhor, fazei que aprendamos como é belo
vivermos, todos, como irmãos e irmãs.

Ámen.

**Ritos Finais**

**Avisos | Bênção | Despedida**

P. Da hostilidade à hospitalidade, eis o caminho da nossa conversão, para nos tornarmos lugares de encontro para os outros, que são nossos irmãos.

Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe. R. Graças a Deus.

**Oração para a bênção da mesa | XX Domingo Comum | 14.08.2022**

Guia: Senhor Jesus,

Hóspede e peregrino,

que suportastes contra Ti

tão grande hostilidade,

converte-nos à hospitalidade,

para que na nossa mesa familiar,

haja sempre um lugar para Ti,

que nos visitas no rosto de cada pessoa,

de cada migrante ou refugiado,

que busca o nosso coração,

para encontrar nele

um lugar de paz e de pão.

Todos: Ámen.



**OUTRAS HOMILIAS E TEXTOS**

**XX DOMINGO COMUM C**

**Homilia no XX Domingo Comum C 2019**

1. Continuam as *corridas* e correrias de agosto! Na recente celebração da Assunção da Virgem Maria, aprendemos a ir depressa, a correr e a percorrer, sem mais delongas, um caminho de saída e com saída para a vida verdadeira. Hoje, somos desafiados, ainda e sempre com Maria e como Ela, a seguir Jesus, no Seu Caminho, que é, em certo sentido, um caminho de descida e de mergulho no abismo do nosso pecado, mas é também para Jesus, e na perspetiva do Pai, um caminho de *subida* para Jerusalém, lugar da Sua entrega na Cruz, da Sua morte e Ressurreição.

2. Para esta corrida, o autor da Carta aos Hebreus dá-nos certeiro o tiro de partida: “*Ponhamos de parte o fardo e pecado que nos cerca e corramos com perseverança para o combate que se apresenta diante de nós*” (*Heb* 12,1-2). Não se trata de jogos de água, nem de uma luta livre em lume brando, mas de um combate de fogo, que nos consome e devora, para fazer ressurgir da própria vida, queimada pelos outros, a vida recebida como herança. Não se trata de uma corrida de curto alcance, mas de uma corrida de fundo, de uma corrida com obstáculos e barreiras, com ventos contrários, que pedem resistência e resiliência, até ao suor, lágrimas e sangue.

3. Bem sei que não é apetecível deixar-se incendiar por este “fogo”, sobretudo quando o verão nos convida a mergulhar em águas refrescantes ou nos tenta a escorregar no lodo do vazio espiritual ou nos seduz a deslizar no lamaçal de uma desordem moral. O tempo de férias pode e deve constituir uma pausa no caminho, para o necessário e merecido descanso do guerreiro, para sairmos da vertigem das vias rápidas e voltarmos aos trilhos pacientes da terra batida. Mas cuidemo-nos, porque o fogo do verão tanto nos pode queimar, num programa de evasão, como oferecer a possibilidade real do encontro, do mergulho profundo no oceano do nosso próprio mistério, da nossa grandeza e da miséria, da inteireza do que somos.

4. Também no verão de 2019, os cristãos não podem deixar de ser, no mundo e para o mundo, um sinal de contradição (*Lc* 2,34). Não nos deixemos, pois, enganar por uma paz podre, por uma evasão ou solução de compromisso, que nos desfigura, ou por uma falsa aceitação da diferença, que nos dilui ou dissolve na espuma das palavras. É importante que fiquem bem marcados e demarcados, também nos passos dos nossos caminhos de verão, as pegadas de Jesus, o guia da nossa fé e autor da sua consumação.

5. Segundo um dito de Jesus: “*Quem está próximo de Mim está próximo do fogo; quem está longe de Mim, está longe do Reino*” (Orígenes). Quem aceita incendiar o mundo com este fogo do Espírito Santo também é capaz de respeitar e se demarcar da linha vermelha que separa e divide, até no seio da família, os que foram batizados no fogo de Cristo dos que foram batizados em águas passadas! No verão, fique ainda mais clara esta linha de divisão!

**PAPA FRANCISCO, *ANGELUS*, 18 de agosto de 2013**

Na Liturgia de hoje ouvimos estas palavras da Carta aos Hebreus: «Corramos com perseverança ao combate proposto, com o olhar fixo no autor e consumador de nossa fé, Jesus» (12, 1). É uma expressão que devemos frisar de modo especial neste Ano da fé. Também nós, durante este ano inteiro, mantenhamos o olhar fixo em Jesus porque a fé, que é o nosso «sim» à relação filial com Deus, provém dele, de Jesus. Ele é o único mediador desta relação entre nós e o nosso Pai que está nos céus. Jesus é o Filho e nós somos filhos nele.

Mas a Palavra de Deus deste domingo contém inclusive uma parábola de Jesus que nos põe em crise e deve ser explicada; caso contrário, pode gerar equívocos. Jesus diz aos discípulos: «Julgais que vim trazer paz à terra? Não, digo-vos, mas separação» (Lc12, 51). O que isto significa? Que a fé não é algo decorativo, ornamental; viver a fé não significa decorar a vida com um pouco de religião, como se fosse um bolo que se decora com o glacé. Não, a fé não consiste nisto. A fé exige que se escolha Deus como critério-base da vida, e Deus não é vazio, Deus não é neutro, Deus é sempre positivo, Deus é amor, e o amor é positivo! Depois que Jesus veio ao mundo, não podemos fazer como se não conhecêssemos Deus. Como se fosse algo abstrato, vazio, de referência puramente nominal; não, Deus tem um rosto concreto, tem um nome: Deus é misericórdia, Deus é fidelidade, é vida que se doa a todos nós. Por isso, Jesus diz: vim para trazer a separação; Jesus não quer dividir os homens entre si, pelo contrário: Jesus é a nossa paz, é a nossa reconciliação!

Mas esta paz não é a paz dos sepulcros, não é neutralidade, Jesus não traz a neutralidade, esta paz não é um compromisso a todo o custo. Seguir Jesus comporta a renúncia ao mal, ao egoísmo, e a escolha do bem, da verdade e da justiça, mesmo quando isto exige sacrifício e renúncia aos próprios interesses. E isto sim, divide; como sabemos, divide até os vínculos mais estreitos. Mas atenção: não é Jesus que divide! Ele propõe o critério: viver para si mesmo, ou para Deus e para o próximo; ser servido, ou servir; obedecer ao próprio eu, ou obedecer a Deus. Eis em que sentido Jesus é «sinal de contradição» (Lc 2, 34).

Portanto, esta palavra do Evangelho não autoriza de modo algum o uso da força para propagar a fé. É precisamente o contrário: a verdadeira força do cristão é a o vigor da verdade e do amor, que requer a renúncia a toda a violência. Fé e violência são incompatíveis! Fé e violência são incompatíveis! Fé e fortaleza, ao contrário, caminham juntas. O cristão não é violento, mas forte. E com que força? Da mansidão, a força da mansidão, a força do amor.

Prezados amigos, inclusive entre os parentes de Jesus havia alguns que, numa certa altura, não compartilhavam o seu modo de viver e de pregar, como nos diz o Evangelho (cf Mc 3, 20-21). Mas a sua Mãe seguiu-o sempre fielmente, mantendo fixo o olhar do seu Coração em Jesus, o Filho do Altíssimo, e sobre o seu mistério. E no final, graças à fé de Maria, os familiares de Jesus começaram a fazer parte da primeira comunidade cristã (cf. At 1, 14).

Peçamos a Maria que nos ajude também a nós, a manter o olhar bem fixo em Jesus e a segui-lo sempre, mesmo quando for difícil.

**PAPA FRANCISCO, *ANGELUS*, 14 de agosto de 2016**

 O Evangelho deste domingo (cf. Lc 12, 49-53) faz parte dos ensinamentos de Jesus, dirigidos aos discípulos ao longo da sua subida rumo a Jerusalém, onde o espera a morte na cruz. Para indicar a finalidade da sua missão, Ele serve-se de três imagens: **o fogo, o batismo e a divisão**. Hoje desejo falar da primeira imagem: o fogo.

Jesus exprime-a com as seguintes palavras: «Eu vim lançar fogo sobre a terra; e que quero Eu, senão que ele já se tenha ateado?» (v. 49). O fogo de que Jesus fala é a chama do Espírito Santo, presença viva e concreta em nós, a partir do dia do nosso Batismo. Ele — o fogo — é uma força criadora que purifica e renova, queima toda a miséria humana, todo o egoísmo e todo o pecado, transforma-nos a partir de dentro, regenera-nos e torna-nos capazes de amar. Jesus deseja que o Espírito Santo se propague como fogo no nosso coração, porque só começando a partir do coração o incêndio do amor divino poderá difundir-se e fazer progredir o Reino de Deus. Não começa na cabeça, mas no coração. E por isso, Jesus quer que o fogo entre no nosso coração. Se nos abrirmos completamente à ação deste fogo, que é o Espírito Santo, Ele infundir-nos-á a audácia e o fervor para anunciar a todos Jesus e a sua consoladora mensagem de misericórdia e de salvação, navegando em alto mar, sem receio.

No cumprimento da sua missão no mundo, a Igreja — ou seja, todos nós que somos a Igreja — tem necessidade da ajuda do Espírito Santo para não se deter pelo medo nem pelo cálculo, para não se acostumar a caminhar dentro de limites seguros. Estas duas atitudes levam a Igreja a ser uma Igreja funcional, que nunca corre riscos. Ao contrário, a intrepidez apostólica que o Espírito Santo acende em nós como um fogo ajuda-nos a superar os muros e as barreiras, torna-nos criativos e estimula-nos a pôr-nos em movimento para percorrer inclusive caminhos inexplorados ou desalentadores, oferecendo esperança a quantos encontramos.

Mediante este fogo do Espírito Santo somos chamados a tornar-nos cada vez mais comunidades de pessoas orientadas e transformadas, cheias de compreensão, pessoas com um coração dilatado e com um semblante jubiloso. Hoje mais do que nunca há necessidade de sacerdotes, de consagrados e de fiéis leigos com o olhar atento do apóstolo, para se comover e para se deter diante das dificuldades e das pobrezas materiais e espirituais, caracterizando assim o caminho da evangelização e da missão com o ritmo purificador da proximidade. É exatamente o fogo do Espírito Santo que nos leva a tornarmo-nos próximos dos outros: das pessoas que sofrem, dos necessitados, de tantas misérias humanas, de tantos problemas, dos refugiados, dos deserdados, daqueles que sofrem. Aquele fogo que deriva do coração. O fogo!

Neste momento, penso também com admiração sobretudo nos numerosos sacerdotes, religiosos e fiéis leigos que, no mundo inteiro, se dedicam ao anúncio do Evangelho com grande amor e fidelidade, não raro até à custa da própria vida. O seu testemunho exemplar recorda-nos **que a Igreja não tem necessidade de burocratas, nem de funcionários diligentes, mas de missionários apaixonados, devorados pelo ardor de anunciar a todos a palavra consoladora de Jesus e a sua graça. Este é o fogo do Espírito Santo. Se a Igreja não receber este fogo, ou se não o deixar entrar em si, tornar-se-á uma Igreja arrefecida, ou apenas tíbia, incapaz de dar vida porque feita de cristãos frios e mornos. Hoje, far-nos-á bem pensar cinco minutos e perguntar-nos: «Mas como está o meu coração? É frio, é tíbio? É capaz de receber este fogo?». Pensemos cinco minutos nisto. Fará bem a todos nós.**

**Homilia no XX Domingo Comum C 2016**

*«Eu vim trazer fogo à terra»**(Lc* 12,59*)***!**

Só nos faltava Jesus, para acabar de incendiar a terra! Depois de uma semana infernal de incêndios, e bem acesa a facha olímpica, a palavra inoportuna de Jesus acaba por ser aquilo que pretende: uma palavra provocatória, de desassossego, que nos induz e conduz aqui a três considerações:

***Primeira:*** ***o fogo de Jesus*** é o símbolo da Sua paixão pelo Reino. Eu próprio, por ocasião do meu jubileu, me referi a esta paixão, “*que arde em mim, como o fogo santo que purificou Isaías (6,1-6-8), ou como o fogo da Palavra que devorava o coração de Jeremias (20,7-9), ou como o fogo de Paulo, na sua loucura missionária, que o levava a dizer, com tanto ardor: «Ai de mim, se não evangelizar» (I Cor.9,16)*”! E pedia-vos então que rezásseis a Deus, “*para que nunca se extinga, em mim, o fogo desta paixão*”, para que se reacenda, em todos nós, o fogo do Espírito Santo, para um novo ardor na missão!

***Segunda:*** ***a paz de Jesus*,** a pazque Jesus nos traz não é a paz podre dos pactos diplomáticos e dos silêncios cúmplices, a paz negociada dos não que não falam nem atuam, com medo de perder dinheiro ou de perder o lugar. *Por isso, Jesus diz: «vim trazer a divisão»; Jesus não quer dividir os homens entre si, pelo contrário: Jesus é a nossa paz, é a nossa reconciliação! Mas esta paz não é a paz dos sepulcros, não é a paz da falsa neutralidade, não é um compromisso a todo o custo, não é estar de bem com Deus e com o diabo. Seguir Jesus comporta a renúncia ao mal, ao egoísmo, e a escolha do bem, da verdade e da justiça, mesmo quando isto exige sacrifício e renúncia aos próprios interesses. E isto sim, divide; como sabemos, divide até os vínculos mais estreitos, entre pessoas da mesma família. Mas atenção: não é Jesus que divide! Ele propõe o critério: viver para si mesmo, ou para Deus e para o próximo; ser servido, ou servir; obedecer ao próprio eu, ou obedecer a Deus. É neste sentido que Jesus é sinal de contradição*” (cf. Papa Francisco, *Audiência*, 18.08.2013).

***Terceira:*** ***A fé em Jesus*** não é algo de decorativo, de ornamental; viver a fé não significa decorar a vida, com um pouco de religião, como se fosse um bolo que se decora com mais açúcar ao fim de semana. A fé não é ópio, para nos adormecer e calar, diante das injustiças do mundo, mas é uma força revolucionária, que nos leva a transformar o mundo, a começar por mim, pelo meu metro quadrado. A fé exige que se escolha Deus como critério-base da vida, e Deus não é vazio, Deus não é neutro, Deus é sempre positivo, Deus é amor, e o amor é positivo! Deus tem um rosto concreto, tem um nome: Deus é misericórdia, Deus é fidelidade, é vida que se doa a todos nós. Todavia, deixemos claro: esta palavra do Evangelho, não nos autoriza, de modo algum, o uso da força, para propagar a fé. É precisamente o contrário: a verdadeira força do cristão é a do vigor da verdade e do amor, que requer a renúncia a toda a violência. Fé e violência são incompatíveis! Fé e fortaleza, pelo contrário, caminham juntas. O cristão não é violento, mas forte. E qual é a sua força? A força da mansidão, a força inerme e enorme do amor.

Irmãos e irmãs: deixemos que fogo do Espírito reacenda a facha olímpica da nossa fé, de modo que *«corramos com perseverança para o combate que se apresenta diante de nós! Fixemos então os olhos em Jesus, o guia da nossa fé*» (*Hb* 12,1-4). Na Sua corrida para a meta, Ele não teve medo de «*sair queimado*». Se não formos heróis medalhados, sejamos, ao menos, dignos da camisola que vestimos, no batismo…

“*Nós os cristãos, se formos o que devemos ser, incendiaremos o mundo*” (S.ta Catarina de Sena)! Não apagueis este fogo, nem com as águas doces dos rios, nem com as águas salgada do mar…

**HOMILIA NO XX DOMINGO COMUM C 2013**

Bem sei que seria mais agradável mergulhar, em águas doces ou salgadas, do que *deitar mais achas para a fogueira*. Mas, neste agosto preguiçoso, nem o campeonato da vida se adia, nem o combate da fé conhece tréguas. Por isso, mantendo a brevidade dos três pontos habituais, recolho dos discursos do Papa, na última JMJ, outras tantas palavras de fogo.

**1.ª Palavra: *Eu vim trazer o fogo à terra e que quero Eu senão que ele se acenda?*** Na cerimónia de acolhimento aos jovens, disse o Papa, sem papas na língua: “*a fé faz uma revolução, a que se pode chamar, “coperniciana”: isto é, tira-nos do centro do mundo e põe a Deus no centro da nossa vida. A fé inunda-nos do amor do amor de Deus, que nos dá confiança, força e esperança. Aparentemente, parece que a fé não muda nada, mas, a partir do mais fundo de nós mesmos, muda tudo. Quando Deus está no nosso coração, há paz, doçura, ternura, entusiasmo, serenidade e alegria. Então a nossa vida transforma-se. Muda o nosso modo de pensar e agir, que se converterá no modo de pensar e agir do próprio Jesus. Amigos: a fé é revolucionária”…*

**2.ª Palavra:** ***Corramos com perseverança para o combate que se apresenta diante de nós!*** Por isso, no seu encontro com os jovens argentinos, o Papa deixou claro: “*Que espero eu desta JMJ? Espero que façam barulho. Quero que saiam, que a Igreja saia pelas estradas, que nos defendamos de tudo o que é mundanismo, imobilismo, que nos defendamos do que é comodidade, do que é clericalismo, de tudo aquilo que é viver fechados em nós mesmos. As paróquias, as escolas, as instituições são feitas para sair*” para ir ao encontro dos outros.

**3.ª Palavra:** ***Fixemos os olhos em Jesus, autor e guia da nossa fé!*** Disse ainda o Papa, aos jovens, seus conterrâneos: “*A fé em Jesus Cristo não é uma brincadeira; é uma coisa muito séria. (…) Por favor, não “espremam” a fé em Jesus Cristo. Há a espremedura de laranja, há a espremedura de maçã, há a espremedura de banana, mas, por favor, não bebam “espremedura” da fé. A fé é integral, não se espreme. É a fé no Filho de Deus feito homem, que Me amou e morreu por mim*”. E no encerramento das jornadas (28 Julho 2013), o Papa lembrava: “*Levar o Evangelho é levar a força de Deus, para fazer como o profeta Jeremias: para extirpar e destruir o mal e a violência; para devastar e derrubar as barreiras do egoísmo, da intolerância e do ódio; para construir um mundo novo*”!

No fim de tudo, “*resta, porém, uma pergunta: Por onde começarmos? E o Papa citou Madre Teresa, que dizia: a revolução do mundo, “começa por ti, começa por mim*”! (Papa Francisco, Homilia na Vigília, 27 Julho 2013). Na verdade, “*nós os cristãos, se formos o que devemos ser, incendiaremos o mundo*” (Santa Catarina de Sena)!

Sim! Todo o verdadeiro cristão traz um fogo a arder, no seu coração!

**Homilia no XX Domingo Comum C 2007**

**1.** Confesso que sinto um grande fraquinho por **Jeremias**, esse antigo profeta, com cara de menino. Entre um tão “**grande número de testemunhas**”, eu diria que ele nos merece hoje um especial destaque. E porquê? Porque sendo Jeremias, de natureza cordial e sensível, com um feitio nada feito para o confronto, nada afeito para a violência das palavras ou dos gestos… foi chamado por Deus, para “*arrancar e destruir, arruinar e demolir*” (Jer. 1,10), predizer desgraças e anunciar violência e morte. Ele viveu esta paixão até ao fim e por causa dela terá dado a vida.

**2.** Por vezes, também para nós, seria mais interessante e simpático, anunciar o Evangelho da *esperança, da misericórdia e do perdão*. Todavia, perante o lastro do «dragão», que estende a sua cauda, e deixa, por todos os lados, a lava nojenta do materialismo egoísta, do consumismo desnaturado e do divertimento irresponsável, cabe-nos denunciar equívocos, desmontar estratégias, desmascarar interesses, pôr a nu os verdadeiros intentos do «príncipe» deste mundo.

Quem hoje não sente, e quantas vezes, a partir da própria casa, a “hostilidade” de uma mentalidade pagã dominante, que nos quer convencer de que é absurdo pensar em Deus, de que é obsoleto observar os mandamentos da justiça, da verdade e da castidade?! Dizem-nos que só vale a pena viver a vida para si, agarrar tudo aquilo que se pode agarrar. Querem seduzir-nos com a falsa ideia de que Deus já não faz falta e de que, por exemplo, não há nada a fazer contra esta corrente neoliberal, que vê números e desconhece as pessoas; sugerem-nos, inclusive, que nenhum esforço moral, pode enfrentar o poder monstruoso da economia global. E, no rasto de tudo isto, fica também a ideia que a própria Igreja não é senão uma estrutura de poder, assente sobre uma piedosa mentira.

**3.** Perante a força "**mediática e propagandística**" desta mentalidade agressiva, sentimo-nos «hostilizados», mas sobretudo «desarmados» e impotentes. Mas é preciso não desanimar! É preciso combater, com a certeza de que nenhum mal neste mundo tem futuro. Podemos e devemos ter confiança, na nossa missão profética, hoje, enquanto semeadores da beleza e da bondade. Estamos rodeados por uma «nuvem de testemunhas» que nos ampara neste combate, desde Jeremias a João Baptista, desde Maria aos Apóstolos, desde Pedro e Paulo a Bento XVI; eles alentam-nos, no combate da fé, e dão-nos a certeza de que Deus é mais forte do que todas as estruturas de pecado ou desordem. É sempre possível vencer esta lógica destruidora da vida e das pessoas, com a força do amor de Deus!

**[4.** Bem sei que este tempo de Verão não é bom conselheiro para «o fogo» das grandes lutas. Mas vede bem: nem a volta a Portugal em bicicleta parou por causa de agosto, nem o campeonato de futebol se adiou, para Setembro. Com maior força de razão, a nossa corrida para a meta, que é Cristo, não pode parar; o nosso combate da fé não pode entrar de férias, no tempo do vazio. Que nenhum de nós se deixe embalar por nenhuma onda, de mar ou de calor, enquanto a Igreja continua a ser ignorada ou tratada, pelo governo e por certa elite intelectual deste país, como uma seita qualquer. Não se pode ignorar a gravíssima crise imobiliária na América, sem denunciar as consequências do lucro voraz da Banca, mundial e nacional, cínica e alheia ao desespero de tantas famílias. Não podemos cruzar as mãos, perante um país que dificulta as condições de parto às mulheres do interior, mas facilita e paga o aborto, em qualquer lugar; a «brisa suave» da presidência da união europeia não pode iludir a realidade sufocante de um país, que parece um conjunto de tendas desfeitas em final de feira, um país, que fecha aqui e acolá, sem ser para obras, nem para balanço! É preciso que nós, os cristãos, entremos nesta luta pelo valor e pela dignidade das pessoas; resistamos e digamos «não», a propostas sociais e políticas que atentam contra a dignidade da pessoa e do seu corpo, contra a beleza da família e dos seus direitos. Comecemos por dizer «não» a certas modas de decote minimalista e exibicionista; denunciemos e renunciemos a certos programas de diversão, de férias e de televisão, que incitam ao nudismo, à estupidez e à devassidão**]**!

**5.** Irmãos e irmãs: Jeremias está agora, porventura, entre aqueles “espectadores” que, lá do alto, nas bancadas do estádio, observam e animam o esforço e a perseverança dos combatentes de hoje. Mas nesta “corrida”, o modelo fundamental é Jesus Cristo. E é Ele o guia da nossa fé. Não nos queixemos das dificuldades e hostilidades. “Nós ainda não resistimos até ao sangue, na luta contra o pecado” (cf. Heb.12,4)!

**Homilia no XX Domingo Comum C 2001**

Quase nos apetece dizer que o Evangelho de hoje (como dos últimos Domingos) é impróprio para consumo. Diríamos até que é social e politicamente incorreto. Neste tempo de Verão, talvez esperássemos de Jesus palavras mais frescas. Porque vem Ele agora falar em *trazer o fogo à terra e em batismo de fogo*? Em vez de nos deixar em paz, o Mestre parece comportar-se como um desmancha-prazeres. Quem o poderá compreender?

Claro que Jesus não é nenhum incendiário maluco. E é preciso compreender que o fogo que ele quer que se ateie é o do Espírito Santo. Ou seja, é o fogo do Amor de Deus, louco e apaixonado pelos homens, a queimar a falta de amor, a purificar o coração do egoísmo e a abrasar a alma, na paixão de viver, de amar e servir. O fogo que Jesus ateia sobre a terra é aquele “fogo que arde sem se ver... é ferida que dói e não se sente; é um contentamento descontente, é dor que desatina sem doer...” como dizia Camões.

De certo modo, aquele que segue Jesus, sente dentro do seu coração, como o profeta Jeremias e S. Paulo, algo assim como um fogo ardente, que transforma tudo o que toca. E por isso não fica parado mas corre com perseverança para o combate. Põe as mãos no fogo, mexe no que é preciso, queima o que está velho e apodrecido, transforma e molda a dureza do coração dos homens e do mundo com a força calorosa do amor de Deus.

Por isso, no seguimento de Cristo, o verdadeiro discípulo não se deixa abater pelo desânimo e não estranha encontrar resistência e oposição: nos instalados, nos acostumados, naqueles que domesticam o Evangelho a seu jeito e à sua medida, aproveitando apenas aquilo que lhes interessa e recusando o que sabe a amargo e indigesto.

Quem quer levar Jesus e o seu Evangelho a sério, prepare-se, por isso, para o combate, para a luta, a começar entre os seus e no seio da própria família. Porque é aí, em casa, que a divisão começa. Entre os que estão contra e os que estão a favor de Jesus, entre os que O acolhem e os que O rejeitam. Entre os que vêm nele uma promessa de salvação e os que sentem nele uma ameaça. Entre os que escolhem viver animados pelo fogo do amor de Deus e os que vivem enterrados na indiferença e no vazio.

Oxalá que o calor do verão não nos faça adormecer e ficar em lume brando. Precisamos muito de gente enérgica e decidida, como S. Tiago, que incendeie o mundo, a paróquia com o fogo da novidade e da mudança.... dispostos a enfrentar a resistência daqueles que vivem na ambiguidade e na indiferença. “*Fixemos os olhos em Jesus, guia da nossa fé*... “ e, na reta final das férias, “*corramos também com perseverança para o combate que se apresenta diante de nós*”.

**Homilia no XX Domingo Comum C 1998**

Não vou ser eu a deitar mais achas para a fogueira! Já bem nos inquieta esta praga de incêndios, neste agosto preguiçoso, mais quente do que nunca... E ainda por cima um certo Jesus a «*arranjar lenha para se queimar*». É um Cristo «apaixonado», que «*aparece como um fogo e a sua palavra queima como um facho ardente*». Transforma tudo aquilo que toca. Ele está disposto a tudo: incompreensões, divisão, até a própria morte... por amor à Verdade. Ele sabia que a única coisa verdadeiramente revolucionária é a autenticidade. Por isso não deve, nem teme ser «sinal de contradição». Tem um projeto que compromete a vida inteira, a vida íntima e particular, a vida pública e social, profissional e familiar, sem deixar nada de fora. Diante deste Jesus, ninguém ficará indiferente. Ninguém poderá segui-l’O aqui e deixá-l’O acolá, ouvi-l’O agora, esquecê-l’O depois... Ele exige posição, opção clara, escolha autêntica e decidida, por Ele ou contra Ele. Não nos dá um Evangelho «adaptado às circunstâncias», referendado ao gosto popular. Não nos propõe um «*evangelho de fim-de-semana*». A fé não pode ser uma mera roupagem religiosa, que nos disfarce de gente bem-educada, nem pode ser um patinar beato sobre o lodo das nossas pacatas comodidades.

«*Fixemos os olhos em Jesus, o guia da nossa fé*». Na sua corrida para a meta, não teve medo de «*sair queimado*». Estranhamos, que assim seja. Habituados que estamos à «boa ordem». Gente que não contesta para não ter problemas, que não discute para não perder o lugar, que não pensa para não ofender, que não denuncia por medo, que não muda por respeitos humanos, que não se afirma por vergonha. Preferimos a «paz podre» do «tudo na mesma», a consciência tranquila para não arranjar inimigos nem perder a amizade dos compadres. Mas Jesus é «sinal de contradição». Ele apresentou a verdade, sem lhe limar as arestas. Vem com o fogo para purificar e separar, pôr a nu a nossa verdade e fazer-nos optar.

*«Corramos com perseverança para o combate que se apresenta diante de nós»!* Se não formos heróis, sejamos ao menos dignos da «camisola» (da veste) que vestimos no batismo… Que o fogo do Espírito de Jesus, nos liberte de todos os temores. Não apagueis este fogo!...

**Breve homilia no XX Domingo Tempo Comum C 1995**

Já bem nos inquieta esta praga de incêndios e ainda por cima um Jesus *a arranjar lenha para se queimar*! É um Cristo “apaixonado” que quer atear na terra um fogo, seja qual for o preço: incompreensões, divisão, até a própria morte...por amor à verdade... *Fixemos, pois, os olhos em Cristo, o guia da nossa fé*! Ele tem um projeto que compromete a Vida inteira, a vida íntima e particular, a vida pública e social, profissional e familiar, sem deixar nada de fora. Diante deste Jesus, o homem não pode ficar indiferente, segui-lo aqui e deixá-lo acolá, ouvi-lo agora, esquecê-lo depois... Ele exige opção clara, uma escolha autêntica e decidida, por Ele ou contra Ele, fiéis à totalidade da sua mensagem ou então estranhos a Ela. Não há lugar para meias medidas. Não há um Evangelho «de fim-de-semana». A religião não pode ser uma mera roupagem que nos disfarce de gente bem educada, nem pode ser um *patinar beato* sobre o lodo das nossas pacíficas comodidades. Nós estranhamos esta página, habituados a viver como gente de *boa ordem* que não contesta para não ter problemas, que não discute para não perder o lugar, que não denuncia por medo, que não se afirma por vergonha. Preferimos a *paz podre*, o «tudo na mesma», a consciência tranquila para não arranjar inimigos nem perder a amizade dos «compadres». Mas Jesus é sinal de contradição. Ele veio com o *fogo* para purificar e separar, pôr a nu a nossa verdade e nos fazer optar. «*Todos os que se dediquem à fidelidade a Cristo, estão expostos à perseguição*». É bem atual a tentação de reduzir a fé a uma questão de velas, rezas e pouco mais. Como se a fé fosse um *artigo de luxo*. Mesmo que *estejamos a arranjar lenha para nos queimarmos*, não desanimemos. Ateado o fogo da Palavra no meio do *lodo*, renascerão sobre as cinzas da hipocrisia os cristãos de verdade...

Exemplo do verdadeiro discípulo que não se deixa abater pelo desânimo e não estranha encontrar resistência e oposição foi S. Tiago que hoje estamos a celebrar. Era um dos doze apóstolos, irmão de S. João Evangelista e filho de Zebedeu. Jesus chamou a Tiago e a João “filhos do trovão”, por eles terem querido que fosse mandado fogo do céu sobre uma cidade não hospitaleira. S. Tiago foi o primeiro apóstolo a derramar o sangue, a beber o cálice do martírio: quando veio com Pedro a Jerusalém para festejar a Páscoa, Herodes Agripa I mandou-o prender e executar, como lemos no livro dos Atos dos Apóstolos (12,2).